

PAISAGENS CULTURAIS PRÉ-COLOMBIANAS DA REGIÃO AMAZÔNICA

Aline Furtado Rodriguesⁱ

Mestranda em Geografia
Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Resumo

O presente artigo tem como intuito demonstrar como o conceito de paisagem quando compreendido em sua dimensão geográfica, pode fornecer bases para a decodificação de paisagens nos dias de hoje. Será utilizada a paisagem cultural pré-colombiana de populações de Índios da Amazônia, e assim será feita uma análise da imagem, e uma interpretação dessas paisagens buscando compreender a relação homem-natureza no passado e nos dias de hoje nesses territórios, para por fim, analisar de que forma essas paisagens são utilizadas e como são representadas no cenário moderno. O olhar geográfico nos permite a reflexão e a identificação de questões escondidas no imaginário existente. Dessa forma, a partir dessa análise destaca-se o interesse no conceito de paisagem como base para a evolução não só dos estudos da geografia, mas também das ciências interdisciplinares que a integram.

Palavras-chave: paisagem; populações pré-colombianas; índios; cultura.

PRE-COLUMBIAN CULTURAL LANDSCAPES OF AMAZONIC REGION

Abstract

This paper has the intention to demonstrate the concept of landscape when understood in its geographical dimension, can provide a basis for landscape decoding today. It will be used the pre-columbian cultural landscape of populations of Amazon Indians, and so will be an image analysis, and interpretation of these landscapes trying to understand the man-nature relationship in the past and today those territories, to end, analyze how these landscapes are used and how they are represented in the modern setting. The geographic approach allows us to reflection and identification of hidden issues in existing imagery. Thus, from this analysis highlights the interest in the concept of landscape as a basis for the development not only of geography studies, but also of interdisciplinary sciences that integrate.

Keywords: landscape; pre-columbian populations; indians; culture.

ⁱ Endereço institucional:
Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.

Endereço eletrônico:
line_frodrigues@hotmail.com

A construção do olhar geográfico no estudo da paisagem

Para um estudo completo sobre paisagem é necessário compreender brevemente as origens de sua fundação como palavra, permitida pela etimologia. De acordo com essa ciência, nas línguas orientais, a palavra paisagem se associa a natureza; na árabe está ligada a uma vista área e vista natural; na italiana relacionada a uma porção do território vista de cima de ordem estética ou artística; para a francesa refere-se à região e seus aspectos físicos; na portuguesa, relacionada a figuras pintadas em pano de *paugage* ou a referência a país e região (SANSOLO, 2007); na inglesa, “*landscape*” significa a formatação da terra, implicando uma associação entre as formas físicas e culturais e por último, na alemã, a “*landschaft*” representando uma associação entre o sítio e seus habitantes. É importante destacar que essas significações tratam a paisagem sempre em seu aspecto visível e esse conjunto de definições faz parte de alguma forma do imaginário de cada um de nós sobre a concepção do que seria paisagem nos dias hoje. Sendo assim, é necessário enfatizar que toda paisagem é cultural, pois a sua definição se dá através do olhar de um indivíduo que possui uma determinada origem logo uma cultura.

A paisagem também se diferencia como conceito apropriado por diversas disciplinas, dentre as quais podemos destacar a pintura, biologia, arquitetura, geologia, geografia, entre outros, apresentando visões diferenciadas sobre a interpretação e logo seu significado. É um conceito antigo e que dentro da geografia teve seu sentido renovado nos últimos anos, baseado na fundamentação de questões modernas que influenciam a formação dessas paisagens. Dessa maneira, a partir dessa visão moderna a compreensão da construção desse conceito na geografia é de fundamental importância para a interpretação de paisagens, como as pré-colombianas, que mantêm suas estruturas na atualidade.

Para se construir um olhar geográfico no estudo da paisagem, é necessário não pensar a paisagem somente como uma noção estética (BESSE, 2006), e sim compreender os pilares de construção do conceito, que já foi considerado objeto central nos primeiros estudos geográficos e que posteriormente foi delegado a uma posição marginal. Geógrafos alemães, franceses, russos e americanos, merecem des-

taque pelos estudos geográficos da paisagem, ou pelo estudo da geografia por meio da categoria paisagem (SANSOLO, 2007).

Os primeiros estudos da Geografia como ciência surgiram no séc. XIX a partir de uma contemplação da paisagem primeiramente por Alexander Von Humboldt, da escola alemã, que se baseava a partir da observação, descrição, registros, deduções e induções, buscando uma abordagem integrada dos componentes da paisagem. Paul Vidal de La Blache, da escola francesa, foi outro geógrafo dedicado aos estudos da paisagem, indicando que a fisionomia é resultante da relação temporal entre os habitantes de uma região e seus recursos naturais. Carl Troll da escola americana tratou a paisagem como objeto da geografia, extraído por meio da correlação entre as ciências naturais, humanas, econômico-sociais, considerada como uma unidade orgânica pertencente a uma taxonomia geográfica, em uma determinada escala (SANSOLO, 2007). Troll, ainda executa uma diferenciação da paisagem, segundo o grau de transformações promovidas pelo homem, em paisagens naturais e paisagens culturais. Destaque também para Carl Sauer, da escola americana, que foi um importante difusor do conceito na geografia, pois definia a paisagem como a união de qualidades físicas da área significativa para o homem, e das formas como esta área era utilizada, expressando assim o que ele denominou de geografia cultural.

Da década de 20 até o início dos anos 60 a preocupação da geografia com a paisagem era estabelecer bases metodológicas que atendessem a diversos programas de estudos. Porém, a partir dos anos 60 a ênfase na coletividade da cultura é deixada de lado e preocupações epistemológicas direcionaram a geografia cultural para o estudo de atitudes e preferências que já, segundo Sauer, podiam ser inventadas ou adquiridas. Para Sauer, seria relevante tanto o pensamento científico quanto o pensamento das pessoas no estudo da paisagem.

Dentre os pensadores mais recentes, do final do Séc. XX e início do Séc. XXI, que se empenharam em discutir o conceito de paisagem, pode-se destacar Werther Holzer (1999), que aborda sobre a evolução do conceito. O autor destaca que a paisagem somente em sua conotação visual, de caráter positivista, ficou no passado, pois nos dias de hoje o homem não somente investiga os objetos, mas ele próprio se

transforma em objeto a ser observável, pois ele compõe a paisagem, numa perspectiva fenomenológica.

Segundo Ab'Sáber (2003), as paisagens devem ser tidas como herança, em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e herança por ser um patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. O conceito reflete a herança de processos de atuação antiga, que foram remodelados e modificados por processos de atuação recente que podem ser de origem natural ou antrópica. Nesse sentido, as paisagens pré-colombianas que serão aqui tratadas, são heranças herdadas por brasileiros, bolivianos, peruanos, colombianos, entre outros, pertencentes à região Amazônica no dias de hoje, povos esses que devem cuidar com responsabilidade dessas paisagens.

Denis Cosgrove (2004, p. 99) enfatiza que o conceito da paisagem na atualidade é uma nova maneira de ver o mundo, como “uma criação ordenada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis a mente humana, que podem alterar e aperfeiçoar o meio ambiente através de suas ações”. Para ele, a paisagem é um conceito complexo, que abarca três especificações, uma relacionada às formas visíveis, a outra relacionada à unidade, coerência e ordem, ou concepção racional do meio ambiente, e por último a ação humana que modela e remodela o mundo. dessa maneira, verificamos a preocupação dos autores contemporâneos em tornar o homem e suas ações como itens investigáveis na paisagem, destacando que seus atos podem moldar a paisagem segundo suas intenções. Cosgrove dá ênfase ao papel da cultura, que constrói paisagens que são reproduzidas por gerações através de ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana, sendo assim, determinada por e determinante da consciência e das práticas humanas. Assim como, evidência que qualquer intervenção na natureza envolve essa transformação em cultura, e que a sociedade está inserida em um contexto de produção e reprodução de paisagens de grupos dominantes que aparecem como senso comum. Destaca, o papel do símbolo como expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, que reproduzem normas culturais além de estabelecer os valores de grupos dominantes por toda uma sociedade. É através dos símbolos que a cultura é exposta e manifestada.

Marcelo Lopes de Souza (2013) aborda que é saudável “desconfiar” da paisagem, e é conveniente sempre buscar interpretá-la ou decodificá-la a luz das relações entre forma e conteúdo, aparência e essência. Nessa perspectiva, é importante ter em mente que a paisagem ao mesmo tempo revela ao encobrir e encobre ao revelar, e essa consciência deve fazer parte daqueles que se debruçam a investigar a paisagem.

97

A representação e interpretação do mundo através de paisagens culturais servem como pontes para se por em destaque diversas questões relacionadas ao mundo que vivemos hoje, que tem por influência a tríade ocidente- capitalismo- modernidade. Todas as paisagens são produtos de origem natural e ideológica, segundo Karen Morin (2007). Para essa autora as paisagens e as práticas sociais se constituem mutuamente em um movimento contínuo, em que ideologias são expressas na paisagem, sendo repassadas e reproduzidas para outras pessoas de forma naturalizada. A autora faz duas críticas à forma como geógrafos têm utilizado o conceito de paisagem, abordando primeiramente que muitos trabalhos se concentram nas representações referentes à morfologia e desconsideram, por exemplo, as relações de produção envolvidas (denominado por ela de ponto de vista Marxista); e segundo que expressam o caráter e visão masculina dos estudos da paisagem que influenciam e estão naturalizados e nossa mente (denominado de ponto de vista feminista), como por exemplo, a conquista e dominação das terras pelo homem e a domesticação da casa pela mulher. Para ela essas diferenças de gênero nas paisagens acabam por reforçar uma sociedade machista. Dessa maneira, verificamos a importância dessas exposições críticas colocadas pelos autores acima, para a interpretação das paisagens que estudamos e vivenciamos e que são naturalizadas e influenciadas por tendências de culturas dominantes e pelas relações capitalistas de produção.

Outro ponto importante sobre o entendimento do conceito de paisagem se dá numa dimensão sensorial. Ou seja, não só a visão contribui na construção da paisagem, mas também os outros sentidos, os sentimentos, o tempo, fazendo parte do ser de cada um. Segundo Besse (2014, p. 246):

Mas então, se a paisagem faz parte de nosso estar- no- mundo, se ela é um de seus elementos constitutivos, até mesmo fundadores, de nossas identidades pessoais e coletivas, e mais ainda se ela é correlativa da formação e

da formulação de necessidades existenciais, nós não podemos mais falar dela em termos da visão, do espetáculo, da exterioridade e da distância. Ao contrário, parece necessário encarar a paisagem a partir das noções tais como as de “engajamento” ou “envolvimento” (com a paisagem). Nós “estamos na paisagem” seria a fórmula equivalente a “nós estamos no mundo”. Há uma substância da paisagem da qual nós participamos, da qual nós fazemos parte.

Nesse âmbito, a paisagem não deve ser entendida somente como algo visual, mas sim exploradora de todos os nossos sentidos, pois “nós estamos na paisagem” a sentindo e a transformando. Nós vemos a paisagem do nosso interior e nos envolvemos a ela.

Todas essas informações, desde o significado da palavra até as abordagens na história do pensamento geográfico trazem contribuições significativas para o entendimento do conceito na geografia, no que tange principalmente o entendimento de fenômenos tantos naturais quanto sociais que moldam determinada paisagem. A construção desse olhar geográfico é de fundamental importância para a interpretação de paisagens pré-colombianas, como por exemplo, as formadas pelos Índios da Amazônia, que no presente trabalho serão decodificadas.

Interpretando paisagens culturais pré-colombianas da região amazônica

Deve-se destacar que os processos naturais não deixam de ocorrer em espaços socialmente produzidos (SANSOLO, 2007). Dessa forma, todas as paisagens culturais devem ser interpretadas considerando os fenômenos naturais e sociais que as compõem. Toda paisagem, como já dito anteriormente, é cultural, pois a sua definição como paisagem se dá através do olhar de um indivíduo, que possui uma determinada origem logo uma cultura, e o investigador deve estar atento a essa condição.

O homem desde o seu surgimento foi marcando as paisagens com a sua cultura e técnica, e dessa maneira promovendo transformações na natureza. Nesse particular, é conveniente lembrar que usos pretéritos do conceito de paisagem concebiam a natureza o objeto de apreciação e análise, e o homem o sujeito que executava tais tarefas, refletindo assim uma desconectividade entre as atividades humanas e os processos naturais. É importante destacar nesse âmbito que muitas paisagens, como por exemplo, as florestadas, possuem marcas humanas, mesmo que não visíveis

(OLIVEIRA, 2006). Todas essas transformações que ocorrem na natureza são resultados de uma intencionalidade humana, que utiliza assim seus recursos naturais ao seu serviço. Dessa forma, toda paisagem deve ser identificada como marca e como matriz (BERQUE, 1998), pois ao mesmo tempo em que expressa uma alteração na natureza ou uma materialidade, ou seja, uma marca, também expressa uma cultura, uma ação, uma concepção e uma percepção, que é matriz.

Portanto, buscando analisar as paisagens culturais pré-colombianas dos índios da região amazônica, primeiramente usaremos o caráter descritivo da paisagem como uma via de elucidação das marcas evidenciadas nesses territórios, e posteriormente, utilizaremos a matriz para desvendar o imaginário e interpretar o que está por trás dessas paisagens. Nesse quadro, é importante considerar os elementos históricos na formação e transformação da paisagem, através da história ambiental e da ecologia histórica, que podem fornecer sustento ao processo de análise (SOLÓRZANO; OLIVEIRA; GUEDES-BRUNI, 2009).

Antes de iniciar a análise das paisagens em destaque, é necessário reforçar o papel da história ambiental e da ecologia histórica, disciplinas essas que ajudarão, na medida do possível, na investigação. Assim, a história ambiental deve ser reconhecida pelo foco nos acontecimentos históricos que modificaram o ambiente e que também foram modificados por ele. Por outro lado, a ecologia histórica busca entender os fenômenos e componentes ecológicos, que ocorreram e ocorrem nos processos históricos de transformação da paisagem. Essas duas disciplinas devem ser utilizadas em conjunto para uma interpretação mais eficaz sobre os processos históricos e ecológicos de formação de uma paisagem.

Deve-se destacar que as paisagens aqui tratadas são de origens pré-colombianas, que por sua vez são diversas em sua essência, mesmo que essa diversidade não esteja totalmente explícita. São diversas, pois, cada grupo de nativos dessa região Amazônica, possui e possui até os dias de hoje uma relação diferenciada com seu território. As diferenças que ocorrem se dá a própria condição ambiental imposta a localização desses grupos, ou seja, se determinada aldeia indígena estiver próxima a um rio, provavelmente a sua dieta estará baseada no consumo e explora-

ção dos recursos fluviais, e por outro lado se estiver distante, a caça será a atividade predominante, expressando assim marcas e matrizes diferenciadas.

Essas diferenças não foram consideradas quando os europeus chegaram ao continente americano em 1492, sendo a palavra “Índio” um equívoco e uma generalização errônea. Equívoco, pois, o nome “Índio” foi assim dado aos nativos porque os europeus acreditaram ter chegado as Índias e não em um continente novo. E mesmo após ter descoberto que estavam em um novo continente continuaram a assim chamá-los, ignorando propositalmente as diferenças lingüísticas e culturais tendendo a uma errada generalização.

Existem muitas complexidades em trabalhar com paisagens pré-colombianas de indígenas da região amazônica. A primeira se refere ao fato de o processo de colonização ter levado ao fim muitas sociedades por meio de guerras e doenças contagiosas, extinguindo possibilidades de uma documentação escrita e oral de conhecimentos referentes aos grupos que habitavam de maneira geral o continente americano. A segunda está relacionada à característica seminômade desses grupos, dificultando a permanência de uma tribo por muito tempo em um específico território, ocasionando uma confusão das paisagens com pouca ou muita interferência humana. Porém, esforços diários são feitos para o desvendamento de paisagens tão intrigantes e misteriosas.

Existem teorias como a de Emily Russel (1997), que defende que a vegetação uma vez abandonada pela a atividade humana em um determinado território, se desenvolve através de uma força exclusivamente natural, desconsiderando assim o elemento humano passado nos processos ecológicos. Reforçando assim uma visão desconectada entre o homem e a natureza, sendo a influência humana ignorada nessa resultante ecológica. Porém, como aborda Rogério de Oliveira e Carlos Engemann (2011)¹ essa visão já deve ser considerada como ultrapassada, pois, paisagens como as que serão contempladas no presente trabalho, também denominadas de paleoterritórios, que são entendidos como espacialização das resultantes ecológicas decorrente do uso de ecossistemas por atividades sócio - econômicas passadas, devem ser reconhecidas por influenciarem diretamente nos processos ecológicos pos-

¹ Excelente obra para o conhecimento da formação de diversas paisagens da região da Mata Atlântica.

teriores, ou seja, tendo influência direta na paisagem resultante. Mesmo que o abandono ocorra, a influência humana já está ali presente, mesmo que invisível aos nossos olhos.

Dentre as diversas paisagens pré-colombianas existentes trabalharemos com as Terras Pretas de Índios da Amazônia, que foram formadas por grupos indígenas no passado e que hoje apresentam inúmeros desafios de compreensão por parte da ciência. Datação por radiocarbono em carêmicas permitiram verificar quão antigas são essas paisagens, e nos resultados verificou-se terras, por exemplo, de 400-1300 d.C chamadas de Marajoara e terras de 3000-3500 a.C chamadas de Ananatuba (MEGgers; EVANS, 1957 apud SCHANN; KERN; FRAZÃO, 2009). A partir de um olhar diferenciado, que através de um esforço em conjunto com disciplinas como a geografia, história, biologia, antropologia, arqueologia, entre outros, foi possível trazer respostas até então de um passado inalcançável e ilegível. Tentativas essas que vem surtindo frutos nos estudos científicos.

De início, para compreender as paisagens pré-colombianas, trataremos primeiramente das marcas dessa paisagem. As Terras Pretas de Índio da Amazônia podem ocorrer em grande variedade de clima, geologia e topografia, tanto ao longo da margem de rios como no interior, com profundidades às vezes excedendo 2 m e com manchas que variam de 1 hectare para centenas de hectares (WOODS; DENEVAN, 2009). Podem ser definidas como terras bastante férteis e de elevada resiliência, contrapondo-se aos demais solos da região amazônica geralmente intemperizados (NOVOTNY, 2009).

Como já dito anteriormente, poucos documentos existem sobre a cultura indígena, logo sobre esses solos, devido à visão eurocêntrica de superioridade econômica imposta a todos os povos em diversos continentes. Porém, é importante destacar que nem todos compartilhavam dessa visão, dentre os quais, podemos destacar Humboldt, que admirava as conquistas tanto dos índios pré e pós coloniais (HUMBOLDT, 1869). Os primeiros relatos dessas Terras documentadas, e seu uso por não nativos ocorreu após a Guerra Civil Americana, em 1866, quando um grupo de norte americanos examinou o vale do Amazônia de Santarém a Manaus e decidiram estabelecer uma colônia em Belterra Plateau ao sul de Santarém. A escolha por um sítio

de Terra Preta para o cultivo não foi uma coincidência, e sim uma experiência local adquirida em pouco tempo sobre a fertilidade desses solos quando comparados aos adjacentes. Dessa maneira, identificamos o uso do conceito de paisagem pelo grupo de norte americanos, sendo as Terras Pretas a própria marca materializada, e o conhecimento sobre a fertilidade a matriz, dotada de cultura, concepção e percepção. Esses sítios ocupados por esses grupos se tornaram *plantations* denominadas de “confederados” em 1987 ou pouco tempo depois (WOODS; DENEVAN, 2009). Trabalhos posteriores foram bastante descriptivos sobre esses solos antrópicos, em que alguns autores como Charles Hartt (1870 e 1871) os chamou de Sambaquis. Elementos como cerâmica identificados e misturados a esses solos escuros, revelaram a partir de um estudo dessa paisagem, a origem cultural, logo antrópica desses solos. Pesquisas mais a frente, como a de Friedrich Katzer em 1903, depois de três anos de estudos analíticos desses solos, concluíram que essas terras possuem predominantemente uma mistura entre resíduos minerais, materiais vegetais carbonizados e orgânicos em decomposição (WOODS; DENEVAN, 2009), revelando assim um pouco mais sobre a cultura indígena e suas maneiras de tratar os seus resíduos, que eram, portanto, carbonizados.

Outro ponto importante sobre a cultura é a possibilidade de interpretação das mudanças culturais através das análises dos artefatos escavados, que são muito diferenciados entre si (REBELLATO, 2009), e sobre a intencionalidade dos índios ao produzirem esses solos, pois não se sabe se era somente uma área de descarte, ou se era utilizada também para a agricultura, como as Terras mulatas².

Algumas teorias defendem que a correlação entre a área do sítio e a densidade populacional não é esclarecedora, acreditando assim numa baixa ocupação dessa região (MEGGERS, 2003), porém estudos posteriores revelam que os grandes e persistentes assentamentos de Terra Preta revelam o contrário (REBELLATO, 2009) A partir da interpretação dessas manchas de Terra, a idéia de que as Américas em 1941 foi quase que uma terra intocada não possui mais sustento, pois o que verificamos

² As Terras Mulatas são definidas por muitos autores por uma característica agrícola. Ou seja, acredita-se que essas terras foram áreas agrícolas pré-colombianas, próximas a aldeias indígenas pretéritas.

na análise da paisagem é que em especial a região Amazônica foi marcada pela humanidade.

Em uma Terra Preta em Beni na Bolívia, verificou-se a construção de canais, diques, campos agrícolas (Terras Mulatas) e campos inundáveis de cultivo de peixes. A visualização desse cemitério de peixes revelou um esforço dos nativos em fazerem um grande estoque, para uma população densa devido à quantidade encontrada. Sabe-se que esses índios mantinham grande parte dos campos para as queimadas, criando ao passar dos séculos ecossistemas complexos de espécies vegetais adaptadas ao fogo, permitido pela investigação a partir do viés da ecologia histórica.

É importante destacar que os solos de Terra Preta são bastante diferenciados. Ou seja, idéias como a de Jean Paul Metzger (2001), que tem em um de seus desafios, propor dentro da ecologia de paisagem, a transposição das relações de padrões e processos de um domínio de escala para o outro, trariam problemas de análise nessas manchas. Existem manchas, como um dos montes mais altos da Floresta em Siringó, Beni, em que descobriram partes de corpo humano misturados a cerâmicas e restos de vegetais e de animais carbonizados (MANN, 2005), caso diferenciado, quando comparados com outras manchas existentes, pela presença de corpos. Dessa maneira, o olhar de Richard Forman (1995) sobre a paisagem, como algo heterogêneo, fornece bons sustentos para os estudos de Terra Preta, pois considera todas as variáveis culturais e ecológicas que interferem nessas paisagens, fornecendo maior sustento para uma investigação acurada desses territórios.

Marcas na paisagem, após o desmatamento na Amazônia, permitiram visualizar sítios denominados de Geoglifos, que são estruturas geométricas perfeitas, encontradas no Estado do Acre. Investigadores dessa paisagem, ainda não sabem para que serviam os Geoglifos, mas acreditam ser locais para cerimônias (fig. 1).



Figura 1: Geoglifio encontrado no Acre

Relatos sobre as populações que vivem próximas as redondezas de Beni no Séc. XX revelaram a existência de civilizações sem contato algum com a sociedade moderna, segundo estudos de Allan Holmbergs (apud MANN, 2005), que abordou sobre uma das civilizações mais atrasadas do mundo. Segundo esse autor:

Vivem em constante fome, não possuem roupas, animais domésticos, instrumentos musicais, arte (exceto cordas de dentes de animais) e quase sem rituais. Pensei que essa população existia sem mudar a paisagem, pois não havia marcas da presença deles. Somente conheci uma narrativa sobre eles, a partir de uma documentação feita por europeus (p. 10).

Nessa citação é possível verificar a dificuldade em estudar tanto paisagens pré-colombianas quanto pós-colombianas devido à complexidade dos grupos existentes, sendo esse um grande desafio posto, a geógrafos, antropólogos, historiadores, e etc. Outro ponto importante, é que toda população expressa sua cultura na paisagem, mesmo que de maneira sutil ou mesmo invisível aos nossos olhos, e essa presença deve ser considerada, pois interfere nos processos ecológicos e no imaginário do grupo que vive essas paisagens. Essa visão do indígena como selvagem e com uma cultura desvalorizada prevaleceu no imaginário da sociedade moderna, e foi reforçado nos livros, artigos, jornais e filmes de Hollywood. Porém, uma nova imagem das Américas e de seus habitantes originais, permitidos com os estudos das Terras Pretas, vem emergindo.

As paisagens de origem pré-colombianas acima descritas são extremamente cobiçadas nos dias de hoje pela população local e pelo agronegócio. Existem várias denúncias de que esses solos estão sendo retirados de sua área e estão sendo vendidos como adubo de maneira ilegal, uma vez que essas terras são patrimônio histórico cultural e devem permanecer intocadas conforme a lei. Dessa maneira, a relação homem-natureza do passado, de maior conexão entre ambos, já não existe mais. Hoje a natureza é vista pela sociedade moderna de forma utilitária, em que os recursos naturais são explorados e poluídos sem qualquer respeito e cuidado, e essas concepções da natureza e as ações impostas pelo seres humanos a ela vêm trazendo grandes riscos ao planeta terra.

105

Dessa forma, devido a estudos de decodificação dessas paisagens pré-colombianas, denominadas como Terra Preta de Índio da Amazônia, foi possível quebrar estigmas criados por historiadores de até 50 anos atrás, que identificavam a região Amazônica como um vazio demográfico e, portanto cultural. As únicas informações relevantes de povos pré-colombianos se referiam aos Incas e aos Mayas, sendo os índios sul americanos quase sempre esquecidos e sem histórias e ensinamentos. As paisagens pré-colombianas da região Amazônica, nos dias de hoje, representam valor para a sociedade moderna, uma vez que apresentam formas de manejo diferenciadas que conferem maior fertilidade aos solos, e aprendizado medicinal de espécies utilizadas para o tratamento de doenças, por exemplo. Assim, verificamos como o estudo da paisagem tanto no viés de suas marcas quanto no de suas matrizes, podem revelar conhecimentos antigos importantes para a sociedade atual, e denunciar tendências de culturas dominantes que influenciam nosso imaginário e são reproduzidos nessas paisagens.

Considerações finais

A evolução do conceito de paisagem dentro da geografia foi e continua sendo de importância significativa para o avanço de estudos ambientais, sociais, econômicos e políticos. Nessa perspectiva, não se pode mais conceber os estudos da paisagem somente no viés visual, palco de processos exteriores ao homem, mas sim valorizar a presença humana, responsável por moldar e remodelar as paisagens de acor-

do com suas intencionalidades. Para os geógrafos, um esforço diário ao estudar a paisagem, é buscar integrar a geografia humana com a geografia física, pois sabe-se a importância dos processos naturais e humanas na formação das mesmas.

O conceito de paisagem deve ser ao mesmo tempo visualização da materialidade, e também percepção e consciência, apta a reconhecer as tendências que a formam. Em outras palavras, compreender a paisagem parte do pressuposto de influências externas impostas que ao mesmo tempo em que são invisíveis, tornam-se claras pela compreensão atribuída pelo olhar geográfico imposto. As paisagens culturais pré-colombianas abordadas no presente trabalho, por mais que tenham suas marcas expostas, ainda há muito das matrizes a serem decifradas.

Diante de uma sociedade em que a cultura mais se padroniza aos moldes da globalização, perde-se o foco em evidenciar os valores culturais indígenas. Nesses estudos sobre as Terras Pretas deve-se incentivar a valorização desses povos pré-colombianos e também pós- colombianos da região Amazônica que muito foram renegados e apagados dos relatos históricos, e que vem apresentando através dos estudos da paisagem, valores que merecem ser difundidos na sociedade atual.

É importante romper com a idéia de que a paisagem Amazônica expressa uma floresta intocada, pois estudos revelam a marca humana nessa região. Desse modo, deve-se considerar a existência de paisagens culturais em áreas florestadas e a influência antrópica nos estudos ecológicos. O conceito de paisagem, como já foi demonstrado, fornece bases para investigação de paisagens culturais, adquirindo um importante valor não só para a evolução da geografia como ciência, mas também para o corpo interdisciplinar que a integra.

Referências

- AB'SÁBER, A. N. **Os Domínios de Natureza no Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo (SP): Ateliê Editorial, 2003.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 1998. p. 84-91.
- BESSE, J. M.. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2006.

_____. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Tradução de Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **GeoUSP**, São Paulo (SP), v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. Tradução de Olivia B. Lima da Silva. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2004. p. 92-123.

107

FORMAN, R. T. **T. Land mosaics: the Ecology of Landscapes and Regions**. Cambridge (RUN): Cambridge University, 1995.

HOLZER, W. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). **Manifestações da cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 149-168.

HUMBOLDT, A. **View of nature: or contemplations on the sublime phenomena of creation**. Londres (RUN): Ball and Dalby, 1869.

MANN, C. **1491: new revelations of the America before Columbus**. 1. ed. [S.l.]: Knopf Doubleday, 2005.

MEGGERS, B. J. Revisting Amazonia circa 1492. **Science**, [s.l.], v. 302, n. 5653, p. 2067, 2003.

METZGER, J. P. O que é ecologia de paisagens? **Biota Neotropica**, Campinas (SP), SP, v. 1, n. 1/2, p. 1-9, 2001.

MORIN, K. M. Landscape and environment: representing and interpreting the world. In: HOLLOWAY, Sarah L.; RICE, Stephen P.; VALENTINE, Gill (Eds.). **Key concepts in Geography**. 6. ed. Londres (RUN): SAGE, 2007. p. 319-335.

NOVOTNY, E. H. et alii. Lessons from the *Terra Preta de Índios* of the amazon region for the utilisation of charcoal for soil amendment. **Journal of the Brazilian Chemical Society**, v. 20, n. 6, São Paulo (SP), p. 1003-1010, 2009.

OLIVEIRA, R. R.. Mata Atlântica, paleoterritórios e História Ambiental. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 3., Brasília (DF). **Anais...** [S.l.: s.n.], 2006.

OLIVEIRA, R. R.; ENGEMANN, C. História da paisagem e paisagens sem história: a presença humana na floresta atlântica do sudeste brasileiro. **Esboços**, Florianópolis (SC), v. 18, n. 25, p. 9-31, ago. 2011.

REBELLATO, L.; WOODS, W.; NEVES, E. G. Pre-columbian settlement dynamics in the Central Amazon. In: TEIXEIRA, W. G. et alii (Orgs.). **As Terras Pretas de Índio na Amazônia: suas características e uso deste conhecimento na construção de novas terras**. Manaus (AM): Embrapa Amazônia Ocidental, 2009. p. 14-31.

RUSSEL, E. W. B. **People and land through time: linking Ecology and History**. New Haven (EUA): Yale University, 1997.

SANSOLO, D. G. Significados da paisagem como categoria de análise geográfica. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 7. **Anais...** Niterói (RJ): UFF, 2007. sem paginação.

SCHAAN, D. P.; KERN, D. C.; FRAZÃO, F. J. L. An assessment of the cultural practices behind the formation (or not) of Amazonian Dark Earths in Marajo Island archaeological sites. In: TEIXEIRA, W. G. et alii (Orgs.). **As Terras Pretas de Índio na Amazônia: suas características e uso deste conhecimento na construção de novas terras**. Manaus (AM): Embrapa Amazônia Ocidental, 2009. p. 127-142.

SOLÓRZANO, A.; OLIVEIRA, R. R.; GUEDES-BRUNI, R. R. Geografia, História e Ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem. **Ambiente & Sociedade**, Campinas (SP), v. 12, n. 1, p. 49-66, jan.-jul. 2009.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil, 2013.

WOODS, W.; DENEVAN, W. Amazonian Dark Earths: the first century of reports. In: TEIXEIRA, W. G. et alii (Orgs.). **As Terras Pretas de Índio na Amazônia: suas características e uso deste conhecimento na construção de novas terras**. Manaus (AM): Embrapa Amazônia Ocidental, 2009. p. 1-15.

Recebido em 14 set. 2015;

Aceito em 12 set. 2016.